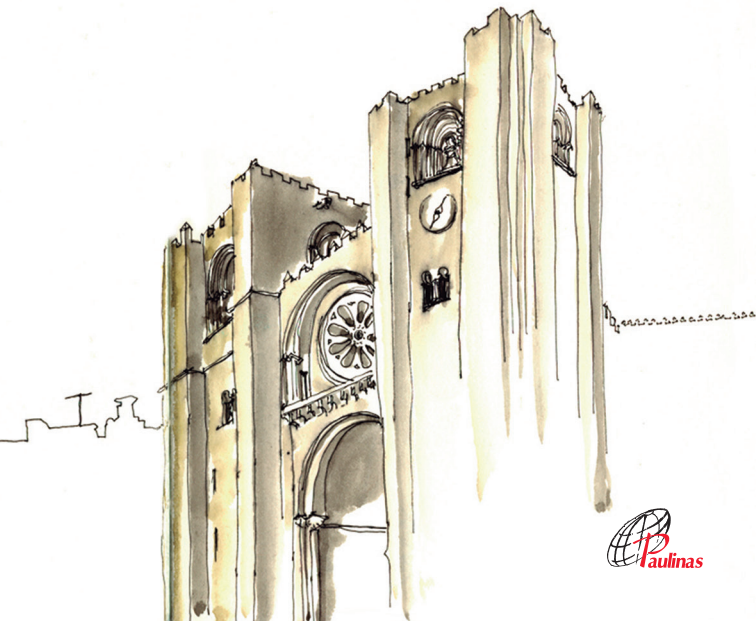


TOMÁŠ HALÍK

**O SINAL
DAS IGREJAS VAZIAS**

**PARA UM CRISTIANISMO
QUE VOLTA A PARTIR**



TOMÁŠ HALÍK

**O SINAL
DAS IGREJAS VAZIAS**

**PARA UM CRISTIANISMO
QUE VOLTA A PARTIR**



Texto original em checo.

© 2020, Tomáš Halík

TOMÁŠ HALÍK (n. 1948) é professor de Sociologia na Universidade Charles (Praga), presidente da Academia Cristã Checa e capelão universitário. Durante o regime comunista foi membro muito ativo na chamada «Igreja subterrânea». Recebeu o Prémio Templeton (2014), que distingue os autores de trabalhos «de notável contribuição para a afirmação da dimensão espiritual da vida», e o título de Doutor honorário pela Universidade de Oxford. Autor de Paulinas.

Tradução © 2020, Paulinas Editora

Tradutoras Ana Rita
Isolinda Gomes

Pré-impressão Paulinas Editora – Prior Velho

© Abril 2020, Inst. Miss. Filhas de São Paulo
Rua Francisco Salgado Zenha, 11
2685-332 Prior Velho
Tel. 219 405 640 – Fax 219 405 649
e-mail: editora@paulinas.pt
www.paulinas.pt

SEM VALOR COMERCIAL

Ao Mons. Prof. Dr. TOMÁŠ HALÍK,
Presidente da Academia Cristã da República Checa,
nosso amado no Senhor:

Que a graça e a paz de Deus estejam consigo.

Recebi a amável mensagem que nos enviou, juntamente com o seu artigo sobre a Crisandade neste mundo doente, e com três capítulos do seu livro *Touch the Wounds (O meu Deus é um Deus ferido)*, e gostaria de lhe agradecer por se lembrar de nós, e pelas suas orações durante esta crise e pandemia que a humanidade enfrenta nestes últimos dias da Santa Quaresma.

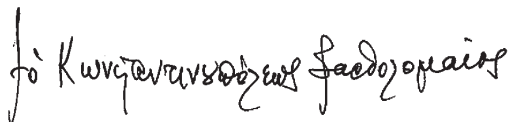
A sua oportuna missiva e os textos que nos enviou foram efetivamente muito proveitosos neste período tão difícil em que a Humanidade se confronta com o *Coronavírus* e com as consequências ainda incertas que deixará na sociedade, na economia global e no ambiente, momento este em que a fé desempenha um papel crucial. É evidente que em tempos de tribulação, doença e incerteza como estes, as pessoas têm mais sede de Deus e da verdade. Na qualidade de pessoas de fé e de teólogos, cabe-nos atualmente

encontrar os meios adequados para exercer o nosso ministério junto dos fiéis, apesar das quarentenas decididas pelos governos e dos impedimentos que não nos permitem utilizar os meios tradicionais, bem como definir a forma correta de servir o povo no período que se seguirá a esta pandemia.

Agradecendo mais uma vez os seus amáveis pensamentos, desejamos enviar-lhe a nossa Bênção Patriarcal e votos de uma santa celebração da gloriosa e vivificadora Ressurreição de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, e despedimo-nos respeitosamente, desejando-lhe saúde no corpo e na alma, bem como felicidades e muito sucesso.

Patriarcado Ecuménico, 8 de abril de 2020

Unidos espiritualmente,

A handwritten signature in black ink, written in a cursive style. The signature appears to be 'Jo Kuvr... fadozopais'.

† BARTOLOMEU

Arcebispo de Constantinopla-Nova Roma
e Patriarca Ecuménico

O nosso mundo está doente. Não me refiro apenas à pandemia do coronavírus, mas ao estado da nossa civilização que este fenómeno global revela. Em termos bíblicos, é um sinal dos tempos.

No início desta invulgar Quaresma, muitos de nós pensávamos que a epidemia iria conduzir a uma espécie de *blackout* de curta duração, a uma interrupção das atividades sociais habituais de um modo ou outro previsíveis, e, depois, tudo voltava a ser como antes.

Mas não vai ser assim. Aliás, nem seria bom que tentássemos que fosse. Depois desta experiência global, o mundo já não será o mesmo, e, provavelmente, está certo que seja assim.

Em momentos de graves calamidades naturais, é natural que nos preocupemos sobretudo com as necessidades materiais necessárias à sobrevivência, mas «nem só de pão vive o homem». Talvez tenha chegado o momento de examinar as implicações mais profundas deste golpe infligido à segurança do nosso mundo. Podemos dizer que o inevitável processo de globalização atingiu o seu

cume: a vulnerabilidade global de um mundo global é agora evidente.

A Igreja como hospital de campanha

Que tipo de desafio representa esta situação para o Cristianismo, para a Igreja (um dos primeiros «agentes globais») e para a teologia?

O papa Francisco disse que a Igreja deveria ser um «hospital de campanha»: uma metáfora a indicar que ela não deve ficar num seu esplêndido isolamento do mundo, mas derrubar as suas próprias fronteiras e ir, levar ajuda a todos os lugares onde existam pessoas, física, mental, social e espiritualmente, necessitadas. Sim, é deste modo que a Igreja pode fazer penitência pelas feridas que os seus representantes causaram, recentemente, aos mais indefesos... mas, tentemos refletir mais profundamente sobre o significado desta metáfora, tentemos pô-la em prática.

Se a Igreja deve ser um «hospital», obviamente deve continuar a oferecer a mesma assistência sanitária, social e filantrópica que oferece, desde os alvares da sua história. Mas, como qualquer bom hospital, também deve realizar outras tarefas. Deve fazer diagnósticos (identificando os «sinais dos tempos»), fazer prevenção (criando um «sistema imunológico», numa sociedade em que alastram os vírus malignos do medo, do ódio, do populismo

e do nacionalismo), e fazer convalescência (ultrapassando os traumas do passado com o perdão).

Igrejas vazias como sinal e desafio

No ano passado, a Catedral de Notre-Dame de Paris sofreu um incêndio antes da Páscoa; este ano, em milhares e milhares de igrejas, mas, também, em sinagogas e mesquitas, não se realizam cerimónias. Enquanto sacerdote e teólogo, reflito sobre estas igrejas vazias ou fechadas como se fossem um sinal e um desafio provenientes de Deus. Compreender a linguagem de Deus, nos eventos do nosso mundo, exige a arte do discernimento espiritual, que, por sua vez, exige um desapego contemplativo das nossas emoções e dos nossos preconceitos cada vez mais fortes, bem como da projeção que damos aos nossos medos e aos nossos desejos.

Nos momentos de calamidade, os «agentes adormecidos» de um Deus mau e vingativo difundem o medo e preparam um capital religioso ao serviço das suas próprias finalidades. A sua visão de Deus é água que move o moinho do ateísmo, há séculos. Mas, num momento de calamidade, não vejo Deus como um cineasta irascível, comodamente sentado por detrás do palco, enquanto os acontecimentos do nosso mundo se precipitam, mas como uma fonte de força que opera naqueles que, nessas situações, dão provas de solidariedade e de um amor

capaz de sacrifício, compreendendo também aqueles que agem sem «motivação religiosa». Deus é amor humilde e discreto.

Mas não posso não me perguntar se este tempo de igrejas vazias e fechadas não representa uma espécie de admonição do que poderá acontecer num futuro relativamente próximo: dentro de poucos anos, elas poderiam estar assim, numa grande parte do nosso mundo. Não fomos já avisados, várias vezes, pelo que aconteceu em muitos países, em que as igrejas, os mosteiros e os seminários se esvaziaram ou foram encerrados? Porque atribuímos este fenómeno a influências externas (o «tsunami secular») ao longo de tanto tempo, e não nos demos conta de que se encerrava um capítulo da história do Cristianismo, e que era tempo de nos prepararmos para outro capítulo?

Talvez este tempo de edificios eclesiais vazios ponha simbolicamente em evidência o vazio escondido nas Igrejas e o seu possível futuro – se não fizermos uma séria tentativa de mostrar ao mundo um rosto do Cristianismo completamente diferente. Estivemos demasiado preocupados em converter o «mundo» (o «resto»), e menos preocupados em convertermo-nos a nós mesmos; e isto não significa apenas «melhorarmo-nos», mas passar radicalmente de um estático «ser cristãos» a um dinâmico «tornar-se cristãos».

A Igreja medieval fez um uso punitivo excessivo do interdito, levando toda a máquina eclesial a uma espécie

de «greve geral», na qual não se realizavam cerimónias e não se administravam sacramentos. Como consequência, as pessoas começaram a procurar cada vez mais uma relação pessoal com Deus, uma fé «nua». Proliferaram fraternidades leigas e assistiu-se a uma onda de misticismo que, sem dúvida, contribuiu para preparar o caminho para a Reforma – de Calvino e Lutero, por um lado, mas também, do outro, a reforma católica ligada aos Jesuítas e ao misticismo espanhol. Talvez a descoberta da contemplação pudesse contribuir, hoje, para o «percurso sinodal», em direção a um novo concílio reformador...

Uma exigência de reforma

Talvez devamos aceitar a atual abstinência de serviços religiosos e de atividades da Igreja como Kairós, como uma oportunidade para pararmos e fazermos uma reflexão profunda e empenhada diante de Deus e com Deus. Estou convencido de que chegou o momento de refletir sobre como continuar o necessário caminho de reforma, indicado pelo papa Francisco: não tentar regressar a um mundo que já não existe e, também, não confiar apenas em meras reformas estruturais exteriores, mas ir ao centro do Evangelho, fazer uma viagem ao interior.

Não vejo como um remédio rápido, sob forma de sucedâneo artificial – como, por exemplo, a transmissão das missas pela televisão –, possa ser uma boa solução,

neste momento em que o culto público está suspenso. Uma passagem à «devoção virtual», à «comunhão à distância», de joelhos diante de um ecrã, é algo sumamente bizarro. Creio que devíamos, sim, pôr à prova a veracidade das palavras de Jesus: *«Onde estão dois ou três reunidos no meu nome, aí estou Eu no meio deles.»*

Pensávamos que podíamos resolver a falta de sacerdotes na Europa importando «peças sobresselentes» para a máquina da Igreja, a partir de armazéns, aparentemente infinitos, na Polónia, Ásia e África? Devemos obviamente tomar a sério as propostas do Sínodo amazónico, mas, ao mesmo tempo, há necessidade de aumentar o alcance do ministério dos leigos na Igreja (não nos esqueçamos que, em muitos territórios, a Igreja sobreviveu sem clero por muitos séculos). Talvez este «estado de emergência» atual seja um indicador do novo rosto da Igreja. É também um precedente histórico. Estou convencido de que as nossas comunidades cristãs – paróquias, congregações, movimentos eclesiais e comunidades monásticas – deveriam procurar aproximar-se do ideal que deu origem às universidades europeias: uma comunidade de alunos e professores, uma escola de sabedoria na qual a verdade é procurada através da discussão livre e, também, da profunda contemplação. Estas ilhas de espiritualidade e diálogo poderiam ser a fonte de uma força capaz de curar um mundo doente. No dia anterior a ter sido eleito Papa, o cardeal Bergoglio citou um trecho do Apocalipse

em que Jesus está à porta e bate. E acrescentou: hoje, Cristo está a bater a partir do *interior da Igreja* e quer sair. Talvez seja aquilo que acabou de fazer.

Onde é a Galileia de hoje?

Há vários anos que reflito sobre o conhecido texto de Friedrich Nietzsche sobre o «homem louco» (o tonto a quem só é permitido dizer a verdade) que proclama a «morte de Deus». O capítulo termina com o louco que entra na igreja para cantar *Requiem aeternam deo* e pergunta: «Estas igrejas, não serão somente as fossas e os sepulcros de Deus?» Devo admitir que, durante muito tempo, várias formas da Igreja me pareceram sepulcros frios e opulentos de um Deus morto.

Este ano, muitas das nossas igrejas estarão vazias, na Páscoa; vamos ler os trechos do Evangelho sobre o túmulo vazio num qualquer outro lugar. Mas, se o vazio das igrejas recorda o túmulo vazio, não ignoremos a voz do Alto: «*Não está aqui. Ressuscitou! Preceder-vos-á na Galileia.*» Deixo uma pergunta para estimular a meditação, nesta estranha Páscoa: *Onde é a Galileia de hoje, onde podemos encontrar o Cristo vivo?*

A pesquisa sociológica mostra que o número daqueles a quem chamo «residentes» (*dwellers*), ou seja, aqueles que se identificam profundamente com a forma tradicional de religião, e também aqueles que declaram

um ateísmo dogmático, está em diminuição, enquanto aumenta o número dos que estão «à procura» (*seekers*). Além disso, está obviamente em aumento também o número dos «apáticos», os indiferentes, pessoas a quem não interessam, em absoluto, as questões religiosas ou a resposta tradicional.

A principal linha de separação já não é entre os que se consideram crentes e os que se consideram não-crentes. Há quem esteja «à procura», sendo crente (aqueles para quem a fé não é uma «bagagem hereditária», mas um «caminho»), e há quem seja não-crente, que rejeita os conceitos religiosos que lhe são propostos pelos que o rodeiam, mas, ao mesmo tempo, sente o desejo de algo que satisfaça a sua sede de significado.

Estou convencido de que a «*Galileia de hoje*», onde devemos procurar Deus que sobreviveu à morte, é este grupo dos «à procura».

Procurar Cristo entre os que procuram

A teologia da libertação ensinou-nos a procurar Cristo nas pessoas que estão à margem da sociedade. Mas é preciso procurá-lo também por entre as pessoas marginalizadas, no interior da Igreja, entre «aqueles que não nos seguem». Se queremos entrar em relação com eles como discípulos de Jesus, então, teremos de abandonar várias coisas.

Temos de abandonar muitas das nossas anteriores ideias sobre Cristo. O Ressuscitado é radicalmente transformado pela experiência da morte. Tal como podemos ler nos Evangelhos, mesmo as pessoas que lhe eram mais próximas e por Ele mais queridas não o reconheceram. Não devemos só tomar como boas as notícias à nossa volta, mas insistir em querer tocar as suas feridas. Por outro lado, onde estaríamos seguros de as poder encontrar senão nas feridas do mundo e nas feridas da Igreja, nas feridas do corpo que Ele assumiu sobre si?

Devemos pôr de lado os nossos objetivos de proselitismo. Não entramos no mundo dos que estão à procura para os «converter» o mais rapidamente possível, e introduzi-los à força no perímetro institucional e mental das nossas igrejas. Nem mesmo Jesus tentou introduzir à força aquelas «ovelhas perdidas da casa de Israel» nas estruturas do Judaísmo do seu tempo. Sabia que o vinho novo devia ser deitado em odres novos.

Do tesouro da tradição, que nos foi deixada, queremos tirar coisas novas e velhas, e torná-las parte de um diálogo com os que procuram, um diálogo no qual posamos e devamos aprender uns com os outros. Devemos aprender a ampliar radicalmente os limites da nossa visão da Igreja. Já não basta abrir, magnânimos, um «pátio dos gentios». O Senhor já bateu à porta a partir «de dentro» e saiu; a nossa missão é procurá-lo e segui-lo. Cristo trespassou aquela porta que havíamos fechado com medo

dos outros. Atravessou a parede que tínhamos erigido à nossa volta. Abriu um espaço cuja amplitude e profundidade nos obrigaram a olhar em volta.

No início da sua história, a Igreja primitiva dos judeus e dos pagãos viu a destruição do templo em que Jesus pregava e ensinava os seus discípulos. Os judeus daqueles tempos encontraram uma solução corajosa e criativa: substituíram o altar do templo demolido pela mesa de família, e substituíram a prática do sacrifício pela oração privada e coletiva. Substituíram os holocaustos e sacrifícios de sangue pelo «sacrifício dos lábios»: a reflexão, o louvor e o estudo da Escritura. Mais ou menos no mesmo período, o primeiro cristianismo, banido da sinagoga, procurou uma nova identidade. Sobre os destroços das tradições em ruína, judeus e cristãos aprenderam a ler, do princípio, a Lei e os Profetas, e deram-lhes novas interpretações. Não é esta uma situação semelhante à dos nossos dias?

Deus em todas as coisas

Quando Roma caiu, no início do século V, houve quem encontrasse de imediato uma explicação: para os pagãos, tratava-se de uma punição dos deuses pela adoção do Cristianismo; para os cristãos, uma punição de Deus a Roma por ter continuado a ser a «prostituta da Babilónia». Santo Agostinho rejeitou ambas as interpre-

tações e, naquele momento de divergência, desenvolveu a sua teologia da batalha, marcante de uma época, entre duas «cidades» contrapostas; já não de cristãos e pagãos, mas de dois «amores» que habitam o coração humano: o amor a si, fechado à transcendência (*amor sui usque ad contemptum Dei*), e o amor que se doa e, desse modo, encontra Deus (*amor Dei usque ad contemptum sui*). Este nosso tempo de mudança ao nível da civilização não estará a pedir uma nova teologia da história contemporânea, e uma nova visão da Igreja?

«Sabemos onde a Igreja está, mas não sabemos onde não está», ensinava o teólogo ortodoxo Pavel Nikolaevic Evdokimov. Talvez o que o último Concílio disse sobre a catolicidade e o ecumenismo precise agora de adquirir um conteúdo mais profundo. Chegou o tempo de um ecumenismo mais amplo, para uma procura de Deus «em todas as coisas»; mais audaz.

Podemos, naturalmente, aceitar esta Quaresma de igrejas vazias e silenciosas, simplesmente como uma breve medida temporária que, em breve, será esquecida. Mas também podemos aproveitá-la como *Kairós*: um momento oportuno para nos «fazermos ao largo» e *procurar uma nova identidade para o Cristianismo, num mundo que muda radicalmente sob os nossos olhos*. A atual pandemia não é, certamente, a única ameaça global para o nosso mundo, nem agora nem no futuro.

Façamos desta proximidade da Páscoa um desafio

a procurar novamente Cristo. Não procuremos Aquele que vive entre os mortos. Sejam corajosos e tenazes em procurá-lo, e não nos deixemos apanhar desprevenidos se nos aparecer sob a veste de um estrangeiro. Reconhecê-lo-emos nas suas feridas, na sua voz, quando nos falar intimamente, no Espírito que traz paz e afasta o medo.

Índice

Carta do Patriarca Bartolomeu	4
<i>A Igreja como hospital de campanha</i>	7
<i>Igrejas vazias como sinal e desafio</i>	8
<i>Uma exigência de reforma</i>	10
<i>Onde é a Galileia de hoje?</i>	12
<i>Procurar Cristo entre os que procuram</i>	13
<i>Deus em todas as coisas</i>	15

LIVROS DO AUTOR PUBLICADOS PELA PAULINAS

